



EMPREENDEDORISMO FEMININO: o trabalho feminino no contexto da atual reestruturação produtiva e das políticas públicas

Thays Regina Rodrigues Pinho¹

Resumo: Procura-se analisar a nova dinâmica social da feminização do trabalho, os aspectos promotores do aumento das atividades empreendedoras, as políticas públicas e os impactos no desenvolvimento local. Examina-se em que medida as mulheres buscam no espaço produtivo meios para sua emancipação, face ao incremento das taxas de participação da mulher no mercado de trabalho dentro do setor produtivo.

Palavras-chave: Empreendedorismo, reestruturação produtiva, trabalho.

Abstract: It seeks to examine the new social dynamics of the feminization of work, the promoters aspects of increased entrepreneurial activities, public policies and the impacts on local development. It examines the extent to which women seek space in productive ways for their emancipation, to the increase in participation rates of women in the labor market within the productive sector.

Key words: Entrepreneurship, restructuring productive, work.

¹ Graduação. Universidade Estadual do Maranhão. E-mail: thayspinho@hotmail.com.



INTRODUÇÃO

O advento do capitalismo e dos grandes empreendimentos industriais trouxe oportunidades para o contingente proletário, mas excluiu as mulheres. Estas ficaram restritas às tarefas familiares. De outro lado, o desenvolvimento do capitalismo promoveu a entrada de um grande contingente de homens, no mundo do trabalho, produzindo uma classe operária eminentemente masculina. Esta tendência, porém, sofreu inflexões que variou de acordo com as lutas sociais (e os próprios movimentos de mulheres), em cada país.

A presente comunicação tem por objetivo analisar os aspectos que norteiam o empreendedorismo feminino no atual contexto da reestruturação produtiva, uma vez que se constata uma tendência marcante de feminização da atividade produtiva, inclusive no mundo empresarial no qual as mulheres, também, vêm assumindo cargos de alta gerência.

Esta é a primeira etapa da pesquisa que analisa a temática, concentrando no estudo e sistematização dos processos históricos, conceituais e documentais pertinentes ao objeto. Este primeiro momento envolveu uma revisão da literatura com a produção de texto e a sistematização de conteúdos. A pesquisa não se encerra aqui. Posteriormente, se concentrará na aplicação de técnicas investigativas para a coleta de dados primários em campo sobre o objeto. E, por fim, o terceiro momento se constituirá da análise e descrição do objeto, a partir de fontes primárias e secundárias coletadas.

1. CONTEXTO HISTÓRICO DA REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA

Como aponta Nogueira (2003), nos primórdios da divisão social do trabalho, as mulheres livres ou escravas possuíam a esfera doméstica como espaço de trabalho, onde se responsabilizavam pela subsistência e reprodução da família. A divisão sexual e social do trabalho acentuou o problema das desigualdades de gênero, uma vez que o trabalho masculino é historicamente aquele de maior valoração e importância, comparado ao trabalho e qualidades femininas. Sob este viés, o trabalho feminino basicamente se restringiu ao espaço reprodutivo. No século XX, porém, a maior revolução, no dizer de Hosbsbawm, foi a das mulheres. Os movimentos de mulheres despontaram no sentido de romper o paradigma conservador vigente, o qual ditava o papel da mulher em função da família. Os movimentos de mulheres ao



reivindicar a entrada da mulher no mercado de trabalho a transforma em um significativo contingente da classe trabalhadora.

Na década de 1980, desponta a reestruturação produtiva, invertendo várias tendências. Ocorreu o que muitos pesquisadores denominam de *feminização do trabalho*, em contraposição a tendência prevaiente hegemonizada pelo fordismo. Com a flexibilização dos processos de trabalho e dos padrões de consumo há o incremento de novos setores de produção, como o de serviços, no qual o trabalho feminino passa a se adaptar muito bem. Mas esta flexibilização trouxe também a ampliação da informalidade e a conseqüente precarização do trabalho.

Se, em termo de participação, houve avanço quanto ao ingresso das mulheres na esfera produtiva, este ingresso no mundo do trabalho foi marcado pela precariedade, como alerta Antunes (1995). Figura-se, na contemporaneidade, o surgimento da subproletarização, tendo como traço mais marcante a fragmentação e complexificação da classe trabalhadora (trabalho precário, parcial, temporário, terceirizado, associado à economia informal) Essas formas de trabalho tem sido assumida em larga medida pela força de trabalho feminino.

Para Nogueira (2003), a feminização no mundo trabalho é, por um lado, positiva, porque contribuiu para o avanço do processo de emancipação das mulheres, mas, por outro aspecto, expõe o seu traço negativo ao reforçar a precarização da força de trabalho feminina. Para a autora, esse aspecto característico é conseqüência “[...] da forma pela qual o capital incorpora o trabalho feminino, cujas características, como a polivalência e a multiatividade são decorrentes das suas atividades no espaço reprodutivo, o que as torna mais apropriadas às novas formas de exploração pelo capital produtivo” (NOGUEIRA, 2003, p. 277). Basta comparar a desigualdade salarial entre os sexos, muitas vezes para exercer cargos com as mesmas funções.

2. O EMPREENDEDORISMO FEMININO EM FACE DA ATUAL REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA

O expressivo crescimento do empreendedorismo feminino trouxe para o centro do debate às novas tendências empresariais, nas quais o gênero feminino assume diferentes posições no contexto empresarial, principalmente, a partir de novos empreendimentos. Essas novas formas de empreender ganharam destaque a partir das inovações tecnológicas. Para a



ideologia neoliberal empreender possui um significado forte de inovar, agregar valor, introduzir mudanças flexíveis. Nesse novo cenário o capital utiliza-se da natureza flexível da mulher para desenvolver trabalhos de diversas naturezas. Conduzida pela ideologia do empreendedorismo, um número cada vez maior de mulheres passa a desbravar no mundo dos negócios, o que entendem ser um cenário propício para a ação empreendedora e buscam, por esta via, formas alternativas para geração de renda e sustento familiar.

Várias pesquisas demonstram que, as mulheres criam e lideram cada vez mais empreendimentos em diversos setores produtivos. Segundo o Instituto Brasileiro de Qualidade e Produtividade (IBQP), as mulheres são donas de 52% dos negócios brasileiros. Elas eram 29% desse contingente há sete anos atrás. A razão principal da iniciativa feminina é a necessidade, pois visualizam no empreendedorismo uma opção para incrementar sua renda. Segundo pesquisa realizada, em 2007, pelo GEM (Monitoramento Global do Empreendedorismo), no Brasil, apenas 37% das empreendedoras investiram para aproveitar uma oportunidade de mercado, em oposição, 63% que objetivavam o sustento.

Pode-se dizer que, a reestruturação produtiva com a flexibilização do trabalho, provocou mudanças significativas no mercado de trabalho e apresentam particularidades nacionais e regionais em função dessas novas formas de empreendedorismo feminino. Segundo aponta Baroni (2008), a presença feminina no empreendedorismo está tradicionalmente relacionada ao setor terciário somado às suas funções reprodutivas (domésticas), como os segmentos de alimentação, estética, beleza e moda. Faz-se importante averiguar se esta verdade é condizente com a realidade do setor produtivo maranhense e as limitações quanto ao ingresso das mulheres empreendedoras em outros segmentos. Os índices apresentados na pesquisa GEM 2007 colocaram o Brasil na sétima posição do ranking mundial de empreendedoras, composto por 42 países. À frente do Brasil que possui uma taxa de mulheres empreendedoras em fase inicial de negócio de 12,71%, estão o Peru (26,6%), Tailândia (25,95%), Colômbia (18,77%), Venezuela (16,81%), República Dominicana (14,5%) e China (13,47%).

Quanto ao empreendedorismo corporativo ou intra-empreendedorismo, definido como aquele que ocorre dentro das organizações, o trabalho feminino também está em destaque.

Destacam-se como atributos do intra-empreendedor a capacidade de criar, intervir e inovar, refletida em pró-atividade orientada para resultados, capacidade de escolher alternativas, responsabilidade em tomar decisões e controle e gestão de informações. Esse trabalhador agora também assume o risco do negócio ao ter parte do seu salário



vinculada a metas e resultados da empresa (LAZZARATO; NEGRI, 2001 apud PASSOS et al, 2008, p. 64).

O epicentro da organização é constituído por um leque de decisões e ações que, para serem tomadas é preciso flexibilidade, criatividade e resistência consideráveis. Com sua capacidade multifuncional, a mulher toma decisões difíceis no âmbito profissional e pessoal. As características do trabalho feminino de polivalência e multiatividade, citadas por Nogueira (2003), passam a representar elementos prioritários para as organizações. Avaliar a forma de apropriação dessas habilidades pelo capital no contexto organizacional maranhense permitirá observar se ocorreram mudanças quanto à exploração, marginalização e precarização do trabalho feminino.

Detentoras de um perfil diferencial, as mulheres aliam competência técnica à elementos competitivos e extremamente valorizados no âmbito organizacional contemporâneo. Trata-se da capacidade de desenvolver plenamente e mais facilmente a competência interpessoal, a inteligência emocional, a intuição e a flexibilidade.

Passos et al. (2008) aponta que o aumento da participação feminina no mercado de trabalho, seja como empreendedora ou profissional, justifica-se pelas mudanças no núcleo familiar, ou seja, por fatores como: mudanças na estrutura familiar com redução do número de filhos e novo contexto social brasileiro com a valorização de mulheres dos diversos estratos social. Por outro lado, estão associados também ao espaço reprodutivo, alguns fatores restritivos ao crescimento desta participação, como: a responsabilidade maior perante a família, a execução de tarefas domésticas, e a maternidade exigindo maior atenção aos filhos.

Porém de uma maneira geral, a dupla função – reprodutiva e produtiva - exercida pelas mulheres simboliza um aspecto positivo. De acordo com Rocha-Coutinho (2003) apud Passos et al (2008), a realização profissional, a maternidade, o relacionamento afetivo e o tempo dedicado a si mesmas possuem patamar igual de importância.

Uma dimensão valorizada no trabalho feminino é sua característica de multiplicidade de papéis, ou seja, seu talento para fazer e pensar várias coisas simultaneamente. Sua entrada no mercado de trabalho não implica a eliminação das atividades vinculadas ao trabalho na família. Esse acúmulo de trabalho da mulher é comumente chamado de dupla jornada (PASSOS et al, 2008, p. 71).

As mulheres buscam por meio do empreendedorismo formas mais justa para sua inserção e participação no setor produtivo. Empreendem no mundo dos negócios, a partir da



necessidade de reduzir as desigualdades no mundo do trabalho e para inverter as adversidades de sua exclusão. A observância da dinâmica do empreendedorismo no contexto local visa, portanto, avaliar a condição da feminização no mundo empresarial, reforçando o papel social que as mulheres possuem de contribuírem para o desenvolvimento do país.

3. POLÍTICAS PÚBLICAS SOB O ENFOQUE DO EMPREENDEDORISMO

O atual panorama de crise da economia globalizada com o aumento do desemprego e do trabalho temporário contribui para acender os debates sobre o papel do empreendedor e a importância de investimentos públicos e privados nesta área. Sob esta perspectiva, o empreendedorismo se apresenta não apenas como um elemento econômico, mas como fator social que cria emprego e renda e contribui para o desenvolvimento local. É, portanto, estimulado dentro das políticas públicas como instrumento de redistribuição de renda e diminuição das desigualdades sociais (SIQUEIRA; GUIMARÃES, 2007).

Um dos pontos associados à criação de estratégias para ampliar o empreendedorismo, especialmente de pequeno porte, é a alta taxa de postos de trabalho criados a partir dele. A elaboração de políticas públicas que reduzam a mortalidade de pequenas empresas no mercado é uma ferramenta que manterá empregos.

Dentre os aspectos negativos que interferem no desenvolvimento do empreendedorismo no Brasil, relacionados ao difícil acesso ao capital, a elevada carga de tributos, grandes exigências fiscais e legais, e frágil capacitação para gestão do negócio, destacam-se os programas e políticas do governo que carecem de consistência e adequação à realidade (SIQUEIRA; GUIMARÃES, 2007).

Faz-se necessário, portanto, a participação governamental efetiva nesta nova dinâmica social que se processa por consequência da reestruturação produtiva. A elaboração e condução de políticas públicas que contemplem estratégias para o incentivo ao empreendedorismo de forma geral, e ao empreendedorismo feminino de forma específica, são importantes, à medida que promoverá por consequência o desenvolvimento sócio-econômico local.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



É pertinente analisar, dentro do atual contexto da reestruturação produtiva, uma nova dinâmica social representada pelo empreendedorismo feminino, que se figura como uma tendência marcante de feminização da atividade produtiva.

A compreensão da importância que representam as novas formas de empreendedorismo feminino para o desenvolvimento sócio-econômico local deve perpassar pela atuação das mulheres como agente de transformação e que buscam mecanismos para reverter o panorama de precarização do trabalho feminino.

Neste sentido, é fundamental a participação do poder público ao traçar políticas que observem as ações das mulheres neste contexto, uma vez que ao incorporar a ideologia do empreendedorismo, um número cada vez maior de mulheres passam a atuar no mundo dos negócios, pois acreditam ser um cenário propício para a ação empreendedora e buscam, por meio disto, formas alternativas para geração de renda e sustento familiar.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao Trabalho?** ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.
- BARONI, Larissa Leiros. **Cresce o número de mulheres empreendedoras.** Universia Brasil, 2008. Disponível em: <http://www.universia.com.br/materi.jsp?id=15747>. Acesso em: 12 out. 2008.
- CHIAVENATO, Idalberto. **Empreendedorismo: dando asas ao espírito empreendedor.** São Paulo: Saraiva, 2006.
- COMPETÊNCIA não tem gênero. **Veja Mulher.** São Paulo, n. 2062, ano 41. Maio. 2008. Edição Especial Mulher.
- DORNELAS, José Carlos Assis. **Empreendedorismo: transformando idéias em negócios.** Rio de Janeiro: Campus, 2005.
- FILION, Louis Jacques. **Empreendedorismo: empreendedores e proprietários-gerentes de pequenos negócios.** HEC, The University of Montreal Business School. 1991.
- JUSTUS, Roberto. **O empreendedor: como se tornar um líder de sucesso.** São Paulo: Laousse do Brasil, 2007.
- HAMEL, Gary. **O Futuro da Administração.** São Paulo: Elsevier, 2007. 272 p.
- NOGUEIRA, Cláudia Mazzei. A feminização no mundo do trabalho: entre a emancipação e a precarização. **Idéias** - Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, Ano 9 (2) – 10 (1), p. 247-284, 2003.
- NOGUEIRA, Cláudia Mazzei. **O trabalho feminino e as desigualdades no mundo produtivo do Brasil.** In: SILVA, Maria Ozanira; YAZBEK, Maria Carmelita (orgs.). Políticas públicas de trabalho e renda no Brasil contemporâneo. São Paulo: Cortez, 2006.
- PASSOS, Carlos Artur Krüger et al. **Empreendedorismo no Brasil: 2007.** Curitiba: IBQP, 2008.
- SIQUEIRA, Moema Miranda; GUIMARÃES, Liliâne de Oliveira. Novos desafios do empreendedorismo. **Revista Administração e Diálogo** – Programa de Estudos Pós-Graduados em Administração da PUC - SP, v. 9, n. 1, 2007, p. 144-156.